

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NAS ESCOLHAS AMOROSAS

Vitor Fabiano Gonçalves¹
Nicolli Bellotti de Souza²

RESUMO

A escolha do parceiro na vida adulta é considerada uma das únicas escolhas que é feita com liberdade, no entanto, carregada de expectativas, principalmente familiares, sociais, pessoais e também motivadas por aspectos subjetivos. Neste contexto, padrões de relacionamento já vividos pelas suas gerações familiares podem ser repetidos pelos filhos de modo automático, o que se define como transgeracionalidade. Esta pesquisa, de caráter explicativo e baseado em revisão bibliográfica, buscou esclarecer a influência da família nas escolhas amorosas, na perspectiva sistêmica. Verificou-se que a família de origem pode influenciar o sujeito de forma direta e/ou indireta, positiva e/ou negativa e que temos uma tendência significativa de repetir os padrões geracionais. A pergunta de pesquisa foi respondida, os objetivos foram alcançados e a hipótese levantada foi confirmada.

Palavras-chave: Escolha Amorosa. Influência Familiar. Psicologia Sistêmica.

ABSTRACT

The choice of partner in adult life is considered one of the only choices that is made with freedom, however, loaded with expectations, mainly family, social, personal and also motivated by subjective aspects. In this context, relationship patterns already experienced by their family generations can be automatically repeated by their children, which is defined as transgenerationality. This research, of an explanatory nature and based on a literature review, sought to clarify the influence of the family on love choices, from a systemic perspective. It was verified that the family

¹ Acadêmico do curso de Psicologia – UniAtenas

² Docente e Orientadora científica – UniAtenas

of origin can influence the subject directly and/or indirectly, positively and/or negatively and that we have a significant tendency to repeat the generational patterns. The research question was answered, the objectives were achieved and the hypothesis raised was confirmed.

Keywords: *Amorous choice. Family Influence. Systemic Psychology.*

INTRODUÇÃO

Segundo Cardoso e Geronasso (2018) são nas famílias de origem que se inicia a definição do significado do amor, por meio das primeiras relações aprendidas ao nascer. E como foi vivenciado e experienciado o amor pelo sujeito, irá dizer muito sobre sua personalidade, o que precisa e no que pode se tornar como pessoa.

A relação amorosa parte de um porto seguro, no qual os companheiros buscam preencher um vazio, em nível inconsciente. Os indivíduos buscam na relação segurança, cumplicidade, bom convívio, além de todas as expectativas depositadas no outro e na relação para que sejam satisfeitos. Ao se falar em relacionamento amoroso, deve-se considerar o casamento, que é proposto por um rito normal para a sociedade tido como produto do amor. Porém, existem ainda as necessidades de aprovação, de preencher o sentimento de um vazio pessoal, de apoio, ou até mesmo se livrar das amarras familiares, buscando este porto seguro no parceiro (QUISSINI E COELHO, 2014).

Ao viver um relacionamento amoroso é importante que cada sujeito entenda que estará passando por um processo de reconstrução da sua identidade de origem, tendo esta como referência para a futura identidade na relação amorosa, e que as crenças familiares transmitidas ficam registradas no inconsciente dos sujeitos, o que influencia em todo esse processo da escolha amorosa (QUISSINI E COELHO, 2014).

A família abarca aqueles que estão interligados por sua história legal emocional e cultural, e ainda tem como tendência que as interações entre as famílias sejam de forma padrão e repetitivas (SILVA, 2018).

Fenômenos transgeracionais como a transmissão das crenças, valores, mitos, segredos e legados familiares permite que se perpetuem as gerações da

família e transmitindo os padrões de comportamentos, que poderão ser seguidos ou não pelas próximas gerações. A abordagem sistêmica, por estudar o funcionamento do sistema familiar, pode elucidar a influência familiar nas escolhas amorosas, por ter uma visão de circularidade e dinâmica sobre os processos de permanentes interações entre as pessoas e o ambiente, o que beneficia a compreensão dos sistemas familiares e sociais, igualmente dinâmicos (MCGOLDRICK, 2011).

Nas relações existentes no sistema familiar estão envolvidas consequências e motivações transgeracionais, não sendo diferente com a escolha do parceiro. Uma vez que esta escolha estar relacionada aos modelos parentais, entretanto, todo sujeito, ao ter como exemplo o modelo dos genitores, iria construir um esquema próprio do modo de como se relacionar com o parceiro. Deste modo, são transmitidos, em maior parte, pelas famílias de origem as expectativas e os valores de cada sujeito, bem como as ideias de quais características desejariam no companheiro escolhido (SILVA, et al., 2010).

Ao escolher um parceiro ocorrerá a união de dois sistemas familiares complexos que poderá dar origem a um novo sistema, sendo constituído por meio da interação de duas personalidades e do que cada companheiro traz consigo das experiências vivenciadas na família de origem. Os processos que são transmitidos de geração em geração pelas famílias e que continuam presentes no ciclo histórico familiar é conhecido como transgeracionalidade (MCGOLDRICK, 2011).

Desta forma torna-se relevante para melhor compreender essa influência que a família tem sobre o sujeito diante suas escolhas amorosas, esclarecendo aspectos principais do sujeito na formação do vínculo familiar bem como dos fatores que motivam o sujeito a escolher determinado parceiro (MCGOLDRICK, et al, 2011; ANTON, 2012).

METODOLOGIA

Este trabalho classifica-se como pesquisa explicativa, uma vez que utilizará conhecimentos das pesquisas bibliográficas para buscar entender sobre a influência da família nas escolhas amorosas. Como bem leciona Gil (2010, p. 42) a pesquisa explicativa “têm como preocupação central identificar os fatores que

determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Busca-se com essa pesquisa aproximar-se ciência e realidade (GIL, 2010).

O procedimento da coleta de dados do trabalho foi bibliográfico, uma vez que, a pesquisa bibliográfica implica em que os dados e informações necessárias para realização da pesquisa sejam obtidos a partir do apuramento de autores especializados através de livros, artigos científicos e revistas especializadas, entre outras fontes que contém elementos basais sobre o que se pretende esta pesquisa (GIL, 2010).

A FAMÍLIA NA PERSPECTIVA SISTÊMICA

CONCEITO DE FAMÍLIA

A família do ponto de vista sistêmico é definida como um sistema aberto, devido à circulação de seus componentes dentro e fora de uma interação uns com os outros e com os sistemas que não fazem parte do sistema familiar como a comunidade e o meio ambiente; Assim, a família tende a funcionar como um sistema total, no qual as ações e os comportamentos de um dos membros influenciam e, concomitantemente, são influenciados pelos de todos os outros (CALIL, 2018).

Segundo Silva (2018) considera-se a família como um sistema dinâmico e aberto que sempre estará em interação com o ambiente, e em constante transformação para promover o crescimento psicossocial dos sujeitos ali inseridos, se adaptando as conjunções sociais e históricas e aos estágios transicionais em seu desenvolvimento. A mesma autora traz ainda uma segunda definição de família que seria aquela que teria um emaranhado de sistemas emocionais e racionais, em que o primeiro diz respeito à energia que irá mover o sistema e o segundo será sobre a maneira como este sistema irá se expressar. A família irá incluir todos aqueles que têm uma ligação por sua história de origem, emocional e cultural, considerando ainda que as interações familiares tendem a seguir uma padronização e repetição.

A família é produto de várias formas e organizações que foram se desenvolvendo ao longo dos anos na sociedade. E por meio dessas transformações, o homem passou a ter que se reinventar e adaptar-se aos novos estilos de

organização da família. A instituição familiar é essencial para o desenvolvimento e proteção do indivíduo, independente da forma como esta família esteja estruturada, pois é nela que o indivíduo terá seu primeiro contato afetivo e, principalmente suporte necessário para seu crescimento tanto pessoal quanto social e o seu bem-estar (ZARTH, HAACK, RAZERA, 2018).

A família institui-se através da união de duas pessoas que transformação dois sistemas familiares em um só sistema, o qual efetivamente constituirá uma família com a chegada do primeiro filho. Esse sistema que foi formado será novo se os sujeitos que o compõem conseguirem reformular a maneira de comunicar e interagir pela reflexão e atualização, criando-se assim um sistema com sua própria identidade (BOECHAT, CABRAL E SOUZA, 2015).

Quissini e Coelho (2014) compreendem que a família é possuidora de poder geracional, que constrói em todos os sujeitos desse sistema uma transmissão psíquica que é compartilhada de forma ampla na família, de maneira a instituir hierarquias e todas as relações sociais que fazem parte desse funcionamento circular. A intergeracionalidade aduz a família como “rede de influência mútua e com repetições, procurando estudar as delegações transmitidas e as lealdades estruturadas através de três gerações passadas, ou seja, na transgeracionalidade”.

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO FAMILIAR

Todo ser humano tem como característica ser social. Entretanto, a criança quando nasce é indiferente em relação a sua família e no decorrer do seu desenvolvimento, na busca da autonomia, começa a diferenciar-se. A família é onde a criança passa pelo processo de experimentação do pertencer e da diferenciação, no qual o pertencer será o sentir-se parte da família, partilhando crenças, valores, mitos, regras, segredos; já a diferenciação seria a asseveração de sua subjetividade, de seu direito de se expressar e de pensar independente das crenças e valores que sua família acredita e sua individuação (MACEDO, 2017).

Os primeiros anos de vida repercutem de forma significativa no futuro de cada sujeito, pois é nesses momentos em que as crianças têm suas primeiras experiências, por conseguinte, surgem também os primeiros registros que serão

armazenados na sua mente. A partir daí, instala-se uma base dinâmica na mente do sujeito, sobre a qual serão organizadas, passo a passo, as demais referências emocionais importantes, capazes de influenciar de maneira definitiva as reações e postura que definirão o indivíduo, que está em processo de formação (ANTON, 2012).

O vínculo afetivo é construído no nascimento, especialmente entre o bebê e a mãe no momento que ela o alimenta, dando atenção e carinho, no qual atende todas as suas necessidades e ao mesmo tempo passa segurança a esse pequenino. Esse vínculo entre mãe e bebê é fundamental para que essa criança avance do prazer para a sua realidade (ALMEIDA, 2015).

É fundamental o vínculo afetivo dentro da família desde cedo, pois este influenciará na formação da criança, sendo a amor materno e da família na primeira infância extremamente importante para o seu desenvolvimento mental. Caso seja este vínculo de alguma forma interrompido nesses primeiros anos de vida da criança, poderá ocasionar sérios prejuízos na formação deste sujeito (ALMEIDA, 2015, ANTON, 2012).

Em complemento a este contexto Abuchaim, et al. (2016) atribui enorme importância das interações saudáveis na primeira infância, o que terá impacto positivo na formação desta criança assim como as oportunidades e experiências de bons relacionamentos nesses primeiros anos de vida auxiliam para que seja criado forte alicerce, suscitando habilidades cognitivas, sociabilidade e valores. Esta etapa é fundamental para o desenvolvimento humano, pois é nela que acontece o processo de amadurecimento físico, neurológico, psicológico, aprendizado social e afetivo. Os autores concluíram boas condições de vida, no sentido afetivo, nos primeiros anos, poderá ter impactos futuros na formação do ser humano (ABUCHAIM et al., 2016).

Almeida (2015) destaca o quanto é essencial à capacidade de instituir vínculos familiares para que assim a criança consiga criar laços positivos nas relações com outro. Como complementa Abuchaim et al. (2016, p. 5) “os vínculos familiares são fundamentais na constituição de um desenvolvimento emocional saudável. Tais vínculos são constituídos pelas atividades de cuidado cotidiano da criança”.

Todas as experiências vivenciadas no início da vida são essenciais para a constituição do ser humano e estão ligada diretamente no tipo de relações socioafetivas desenvolvida no decorrer da criação desse sujeito, principalmente pelas interações estabelecidas com sua família (ABUCHAIM, 2016).

Entretanto, os tipos de relação que o indivíduo constitui e alimenta com outros sujeitos está fielmente alicerçada nas experiências vivenciadas, com pessoas significativas, dentre elas, especialmente, com os pais. Como por exemplo, o casamento dos nossos pais se estabelece num ponto de referência constante a ser seguido, evitado, ou modificado pelas gerações futuras. Mais do que isso, a maneira como os pais retribuem as necessidades dos filhos seja pela estimulação ou inibição, premiação ou condenação, fornecerá as condições básicas para o desenvolvimento da personalidade sadia e harmônica desse sujeito e a capacidade deste constituir e manter relacionamentos satisfatórios (ANTON, 2012).

Quando as pessoas encontram, enviam e recebem microssinais, que passarão uma mensagem do quanto e como serão capazes de corresponder e ser correspondido, principalmente naquelas áreas que abrigam o que existe de mais instintivo e primário no ser humano. Os desejos, temores e aversões são despertados e poderão atrair ou gerar repulsa ou indiferença. Todo esse movimento interno se dá devido à conexão existente entre os estímulos atuais e os registros dos nossos antepassados, que estão armazenados no subconsciente (ANTON, 2012).

Assim, os eventos atuais que gera impacto e tem significado emocional na vida do sujeito, estão conectados com o mais remoto e primitivo, experimentado ao longo dos anos (ANTON, 2012).

ASPECTOS FAMILIARES ENVOLVIDOS NO PROCESSO DA ESCOLHA AMOROSA

O sistema familiar é representado por uma rede de influências mútuas, pois propaga toda suas crenças e esperanças sobre o comportamento e as relações do indivíduo inserido nesta família. Os conceitos trazidos pela família de origem tem um forte poder sobre as escolhas feitas pelo sujeito na vida adulta e sobre toda a sua evolução no curso do ciclo de vida (MACEDO, 2017).

A entrada do sujeito dentro do sistema familiar é considerada uma das etapas de extrema importância na vida deste indivíduo, uma vez que é neste sistema que acontecerá todo o processo de aprendizagem, que começa na infância, por meio das experiências vivenciadas no dia-a-dia por ele. Na fase adulta, terá carregado toda a bagagem aprendida no decorrer de sua vida e isso irá formar sua identidade enquanto ser humano, ao passo que se torna autor de uma nova conjugalidade (ZARTH, HAACK, RAZERA, 2018). Macedo (2017); Quissini e Coelho (2014) enfatizam a importância de cada sujeito formar sua própria família separando-se da família de origem. Pois, à medida que se desvinculam da família de origem e cuidam da sua própria família, esta terá uma evolução saudável e satisfatória.

Para Anton (2012), todo o aprendizado adquirido no seio familiar estará ligado de forma direta ao sucesso ou insucesso do sujeito, bem como contribuirá para os atributos de sua personalidade. Desta forma, ele carregará consigo crenças, valores e toda uma cultura que aprendeu desde a infância, além das expectativas pessoal, familiar e social.

Para McGoldrick, (2011), o indivíduo leva consigo toda bagagem da família de origem e também todos os problemas que não foram solucionados, os quais tendem a se repetir nas novas relações vivenciadas pelo sujeito. Deste modo, para entender o sistema familiar é necessário compreender o que ocorre nas gerações passadas.

Cada sujeito irá continuar de alguma maneira a história familiar que transcende gerações, as crenças e experiências vividas pelos familiares. Deste modo, desde o momento em que foi gerado, o indivíduo já é assinalado pelas crenças e expectativas da família, e desde cedo sofre influência no seu desenvolvimento. O processo transgeracional no ponto de vista sistêmico “é representado pela ideia da bagagem que é trazida dos modelos familiares e sociais”. Ainda que tais modelos se repitam ou tenham passado por transformações, todos esses aspectos estão ligados aos padrões de relacionamentos já aceitados por várias gerações (SILVA, 2018).

Os padrões familiares consistem no modo como funcionam as famílias, e são apresentados em informações funcionais, relacionais e estruturais sobre o grupo

familiar. Tais padrões se repetem entre os membros por várias gerações, podendo ser esse modo de funcionamento disfuncional ou funcional. Até mesmo a forma que a família lida com os problemas também será transmitido de uma geração a outra, sem necessariamente acontecer de maneira linear, podendo ocorrer na geração dos pais e se repetir só na geração dos seus netos (MCGOLDRICK, 2011).

Silva (2018) traz que a capacidade das pessoas de se diferenciarem umas das outras tem influência do passado transgeracional e das experiências vividas nas famílias de origem. Ou seja, o grau de diferenciação do self vai sendo transmitido de gerações a gerações influenciando a facilidade ou dificuldade dos sujeitos de se diferenciarem de seus genitores para vivenciar a própria vida. A autora enfatiza “a criança já está afetada pelo processo de transmissão antes mesmo de nascer, sendo ao mesmo tempo herdeiro e prisioneiro de uma história familiar preexistente” (SILVA, 2018, p. 19-20).

A concepção de diferenciação de self se faz importante e corresponde ao nível de maturação emocional do sujeito. O grau de diferenciação de um indivíduo sofre influência do grau de diferenciação de seus pais bem como pelo tipo de relação que tem com eles. A forma como o vínculo emocional é tratado na vida adulta irá facilitar ou dificultar que o sujeito se desapegue de seus pais. Os indivíduos de forma geral se casam com parceiros cujos graus de diferenciação de self sejam semelhantes (SILVA, 2018). Conforme completa Silva (2018, p. 75) “esses fatores podem favorecer a predição do grau de indiferenciação ou imaturidade que será absorvido pelo novo núcleo familiar formado”.

A transgeracionalidade acontece em diversos níveis que estão ligados a aprendizagem de comportamentos que interagem para a construção do eu, de informações e de reações emocionais, que podem afetar na escolha do parceiro. Sendo possivelmente as experiências com as próprias famílias de origem influenciar a escolha amorosa e interferir no equilíbrio do relacionamento do casal (MCGOLDRICK, 2011).

Vários são os motivos que fazem com que alguns indivíduos ao escolher seu parceiro busquem por aquele com quem mais se identifica culturalmente e tenha um histórico familiar semelhante ao seu, já outros buscam por parceiros com histórico familiar completamente oposto à sua. Para Macedo (2017, p. 211) “as

peessoas buscam um (a) companheiro (a), um modelo adulto de intimidade, assim como uma oportunidade da aquisição da individuação e do pertencimento, num processo dialético de fusão-individuação”.

Segundo Anton (2012) o ser humano escolhe um companheiro que irá preencher determinados pré-requisitos ou poderá modificar e tolerar. Ao reconhecer algo que lhe é familiar e estimula os desejos, se aproxima, cria laços e anseia por afinidades cada vez maiores. Percebendo divergências e diferenças, tenta minimizá-las, engrandece-las ou negá-las, de acordo com seus interesses particulares. Isto ocorre até o momento em que o sujeito começa a investir na transformação do outro, movido pelo desejo em que esse outro se pareça cada vez mais consigo mesmo, como “uma espécie de alma gêmea” (ANTON, 2012, p. 46).

De acordo com Silva (2018) os genitores são referências para os filhos sobre como se relacionar no âmbito conjugal, cujo modelo pode repetir-se ou não, assumindo um papel fundamental na vida dos filhos, pois são os primeiros a constituir uma ligação de afeto e a oferecer o modelo de como ser um casal.

Em um recorte do estudo realizado por Silva (2018) com famílias até três gerações, observou-se que foi trazida pelos participantes (filhos) a identificação com a trajetória do casamento dos pais, sendo encontrada tanto em relação à diferenciação com a família quanto ao pertencer a esta família de origem. A aprendizagem de comportamentos por observação, a comunicação verbal ou informal de valores e expectativas, comunicação entre os membros da família, o compartilhamento de experiências cotidianas e os padrões de interação foram demonstrados como fatores que fizeram parte da transferência transgeracional de significados e de padrões matrimoniais na família.

Quinssini e Coelho (2014) demonstraram que o casamento dos pais ocupa um lugar nos planos de vida dos filhos e se entrelaça nos modelos de transmissão intergeracional. Além disso, a forma como esses filhos se identificam com a suas heranças familiares pode influenciá-los em uma futura busca pelo parceiro. O sujeito busca por semelhança com seus pais, a qual estimula a escolha de seus parceiros, e revela características semelhantes no que refere aos cuidados dos genitores na criação e na maneira de tratamento em si. Em um recorte tal qual como está no estudo realizado pelos autores (2014, p. 38),

“O comportamento que ela tinha comigo parecia o comportamento que minha mãe tinha com o meu pai...” (M.1).

“... eu poderia dizer que o jeito dela eu achei na minha mãe, mas são sentimentos bem diferentes. Sinceramente queria buscar uma mãe, uma mulher e uma amiga ao mesmo tempo...” (M.2).

“O meu pai se parecia no sentido do tratamento em si, da parte carinhosa, não sei. Os erros que o meu pai apontava em mim eu percebia que ele também apontava, nesse sentido assim. E às vezes eu buscava uma referência como eu, estava aqui e não tinha mais a minha família por perto, aí ele acabava sendo toda a minha família, toda a minha referência. Então eu tinha que me apoiar nele...” (F.4).

Macedo (2017) traz que há vários fatores que exercem enorme influência no momento da escolha do parceiro, como experiências pessoais, necessidades emocionais, beleza, crenças religiosas, valores, metas, fatores transgeracionais, todos, permeados pelos costumes (repetidos, transformados ou resignificados) da família de origem.

Nos estudos realizados por este mesmo autor com mulheres casadas por mais de um ano fica claro que a família de origem exerce um poder de forma direta ou indireta e tem um papel relevante nesse momento do ciclo de vida.

Quando é trazido pelas entrevistadas que a expectativa das suas famílias eram que elas se casassem. E que fossem com os parceiros que tivessem a mesma religião que a delas. O que segundo o autor ficou claro quando uma das entrevistadas relata ter esperado o parceiro mudar para mesma religião que a sua para só estão resolver se casar, mesmo todas dizendo que não houve interferência dos pais nas suas escolhas (MACEDO, 2017, p. 219).

Silva et al. (2010) ressaltam que “motivações transgeracionais” dizem respeito ao relacionamento dos pais como modelo a ser seguido ou evitado. Em um recorte das falas dos entrevistados por Silva et al. (2010, p. 387) fica clara essa motivação transgeracional:

No casal 2, a noiva descreve que “seus pais se gostavam, se adoravam”. Ao mesmo tempo, menciona que o que a fez se interessar pelo noivo foi o fato de ele “ser carinhoso, amoroso, todas essas coisas de príncipe encantado”. Constata-se assim a semelhança entre as qualidades valorizadas no relacionamento e aquelas que a atraíram em seu noivo. O noivo, por sua vez, ao falar da relação de seus pais, critica o excesso de “dominação” por parte de sua mãe. Ao citar os pontos positivos de sua relação com a noiva, menciona que ambos têm “uma vontade de viver bem,

sem muita dominação”, demonstrando valorizar características que se contrapõem ao modelo apresentado por seus pais.

Assim, as experiências vivenciadas e observadas no contexto familiar irão exercer influência na aprendizagem de alguns padrões de relacionamento e no modo como o sujeito irá compreender a realidade que o rodeia. A partir da ideia do relacionamento de seus genitores, o sujeito criaria um esquema de como se relacionaria com um companheiro (a), o que inclui o manejo das dificuldades, a resolução dos problemas e a expressão de afeto (SILVA et al., 2010).

Cardoso e Geronasso (2018) trouxeram que as influências da família que estão relacionadas com a escolha do parceiro são: se o parceiro (a) será do agrado dos pais; não ter os mesmos defeitos do genitor do gênero oposto; ter algumas características do genitor do gênero oposto; não repetição dos padrões relacionais dos pais; repetir os padrões de relacionamento dos pais. O fator “ser do agrado dos pais” configura ponto positivo para realizar a escolha do parceiro, o que se observa em recorte da fala de uma das entrevistadas “... A minha mãe fala que ele me cuida muito, que me ama, meu pai fala que ele é trabalhador, que ele corre atrás das coisas” (E5) (CARDOSO E GERONASSO 2018, 76).

Sobre o fator “não ter os mesmos defeitos do genitor do gênero oposto”, Cardoso e Geronasso (2018) afirmam que é no seio familiar que o sujeito treina sua condição de estar unido e separado, ou seja, aprende a ser mais próximo da família e ao mesmo tempo aprende a trilhar seus próprios caminhos, também é o lugar em que todos os sentimentos e afetos são experimentados ou desenvolvidos, podendo então, a partir daí, influenciar as escolhas do sujeito. Em outro recorte feito da fala da entrevistada por Cardoso e Geronasso (2018, p. 76) fica claro esse aspecto: “(...) ele limpa a casa, ele lava a roupa, faz comida, é uma benção assim, o que me chamou atenção que ele é totalmente oposto do meu pai, que meu pai não sabe lavar um copo, (...) o que eu gostei no meu marido é que ele tinha a cabeça totalmente o oposto do meu pai sabe... (E7)”.

No que se refere “ter algumas característica iguais ou semelhantes ao genitor do gênero oposto” os entrevistados entendem como fator que favoreceu a aprovação do modelo do companheiro, o que contribui para a escolha amorosa, como observado no recorte da fala de uma das entrevistadas “Eu me irrita muito

fácil, mas a sorte que ele é calminho, (...) o meu pai é muito tranquilo muito sossegado, (...) meu pai é um excelente homem, não bebe, não sai de casa, só trabalha, meu pai nestas partes é parecido com meu marido (E8)” (CARDOSO E GERONASSO, 2018, p. 76).

Ao fazer a escolha do parceiro, o sujeito leva consigo, além dos modelos aprendidos, também as expectativas em relação ao que foi observado no relacionamento de seus pais, o que pode levá-los a esperar por um relacionamento semelhante quando concordam com o que presenciaram no decorrer das suas vivências ou pelo contrário, quando não concordam com o que viram nessas vivências (MCGOLDRICK, 2011).

Se a influência da família na escolha amorosa for negativa, o desenvolvimento e o processo do indivíduo no relacionamento amoroso poderão ser dificultados. Dependendo da magnitude dessa bagagem geracional, pode haver limitações, o que leva a sentimentos de desilusões e comportamentos que impedem que o casal tenha uma relação saudável, resultando em frustrações amorosas (QUISSINI, COELHO, 2014).

REPETIÇÃO FAMILIAR NA ESCOLHA AMOROSA

Todo o processo de desenvolvimento psíquico e a aprendizagem do indivíduo são formados na infância, a partir da interação entre a relação e o temperamento com os primeiros cuidados. Reside aí a dificuldade em mudar as heranças transgeracionais, pois vão se perpetuando ao longo da vida por meio das vivências do sujeito, de maneira a manter uma estrutura cognitiva estabelecida anteriormente na família de origem, independente de serem vivências positivas ou negativas (BOHN, et al., 2018).

De acordo com Silva (2018), as relações de apego no período da infância são essenciais para o desenvolvimento individual e podem influenciar todas as fases da vida da pessoa, visto que as vivências consideradas calorosas e sensíveis, de segurança, afetividade e apego nas interações familiares estão relacionadas de forma positiva a comportamentos semelhantes com o par amoroso na vida adulta. O estudo realizado por Raby et al. (2015) concluiu que os indivíduos que receberam

cuidados maternos mais sensíveis no período da infância foram mais propensos a prestar apoio aos seus próprios filhos. Esse estudo reforça a ideia de que quanto melhor for à relação entre pais e filhos na infância, melhor será o funcionamento do relacionamento amoroso desse filho na vida adulta, bem como evidenciam que os relacionamentos amorosos dos adultos estão arraigados em experiências interpessoais anteriores.

Para Silva (2018) esses comportamentos afetivos são repetidos inconscientemente como modo de sobrevivência e preservação dos elementos psíquicos compartilhados pela família, de forma que, no decorrer da vida, os indivíduos acabam por repetir os padrões de relacionamento vivenciados na relação com a família de origem e do que é observado da relação conjugal dos pais.

As vivências na família de origem podem ser recordadas pelo sujeito de forma positiva ou negativa assumindo um peso diferente na vida do indivíduo. Isso ocorre conforme a frequência, qualidade, carga emocional e intensidade com que se apresentam, e podem assim, contribuir em alguma medida para dinâmica de como será os relacionamentos do sujeito. Se o relacionamento dos pais for percebido positivamente pelos filhos, é possível que suas possibilidades relacionais sejam funcionais. Entretanto, se os filhos percebem a relação dos pais de maneira negativa, pode haver um prejuízo no processo de estruturação psíquica e relacional dos filhos, o que pode contribuir para o estabelecimento de relações disfuncionais e conflitivas na vida adulta e, principalmente, no relacionamento amoroso (COLOSSI E FALCKE, 2018).

O comportamento de repetição do indivíduo pode corresponder a um padrão que tem se reproduzido por gerações na família. Ou pode ser que, em algum momento da formação e desenvolvimento da personalidade do sujeito, este tenha ouvido ou aprendido de alguma figura importante, na maioria das vezes paterna ou materna, que não merece mais do que aquele tipo de relacionamento, ou que esse tipo é o único possível. Contudo, esse processo de repetição se dá de forma inconsciente, ou seja, nem o sujeito e nem sua família percebem que tal repetição tenha raízes tão profundas (CASTILHO, 2017).

A tendência das famílias é repetir a si mesmas e assim constroem padrões que são frequentemente repetidos por todas as gerações (MCGOLDRICK,

2011), como os segredos e os rituais familiares, comportamentos funcionais ou disfuncionais, relações afetivas e até mesmo a linguagem oral. Esses processos podem disparar repetições inconscientes das histórias entre as gerações criando vínculos familiares patológicos que dificultam o desenvolvimento do sujeito e, conseqüentemente, tende a se repetir em seu relacionamento amoroso (SILVA, 2018).

O estudo feito por Bohn et al. (2018) com casais que procuraram atendimento psicológico por sofrimento associado ao relacionamento conjugal mostrou que na maioria dos casos analisados estava presente a insegurança no vínculo conjugal. A partir desses achados, é possível fazer referência ao domínio rejeição e desconexão, uma vez que este domínio está relacionado à falha no atendimento de vínculos seguro nos cuidados primários. As pessoas que não tiveram segurança, necessidades básicas de cuidado e aceitação atendidas na primeira infância, podem vir a se envolver com companheiros conjugais que tendem a repetir esse padrão de insegurança no vínculo. Neste contexto, uma possível experiência de vínculos instáveis e inseguros vivenciados na família de origem pode levar o sujeito a estabelecer na vida adulta relações instáveis, repletas por incertezas e inseguranças (BOHN et al., 2018).

Bohn et al. (2018) apontam também a subjugação e dependência no relacionamento conjugal, esse domínio está relacionado à supressão das próprias necessidades a favor das necessidades alheias, e é desenvolvida, sobretudo na infância, na qual a família do sujeito é caracterizada pela aceitação condicional, de maneira que a criança aprende que deve reprimir importantes aspectos de si mesma para atender às necessidades de seus cuidadores. Acreditando que o controle sobre as situações está no outro e não em si mesma, não conseguem agir de maneira autônoma e separada do parceiro ou cônjuge.

As experiências negativas vivenciadas na família de origem, principalmente as de violência, como testemunha ou vítima, contribuem de forma significativa para o envolvimento dos filhos em contextos relacionais violentos na vida adulta (PINHEIRO, et al., 2012). Por serem os pais que geralmente se constituem a primeira referência de sujeito com a qual os filhos têm contato, assumem papel fundamental como modelo de identificação aprendido, já que

ensinam aos filhos o que é ser um casal. Quando os pais têm uma relação conjugal violenta acabam por ensinar a sua prole que a violência é uma alternativa que pode ser praticada no relacionamento interpessoal, principalmente amorosos, fazendo com que se naturalize como algo esperado em qualquer relacionamento (MARASCA et al., 2013).

No mesmo contexto, Bohn et al. (2018, p. 330) salientam que “os filhos que crescem em um contexto familiar com baixos índices de aliança parental podem repetir os padrões negativos vivenciados, levando para seus relacionamentos futuros o modelo relacional violento”. Pode também o indivíduo escolher parceiros agressivos e dominadores para se relacionar, bem como podem agir de modo dominador e exigente, o que pode refletir em processos bidirecionais de violência conjugal, nos quais os parceiros envolvidos em violência conjugal costumam serem concomitantemente vítimas e agressores (BOHN, et al., 2018).

Conclui-se, portanto, que a família de origem, principalmente os pais, é importantes referências para a construção dos vínculos afetivos e de todo o processo de desenvolvimento do sujeito ao longo da vida, sendo que essa influência pode refletir na construção ou dissolução de relacionamentos amorosos e nas relações parento-filiais atuais e futuras (SILVA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família, preconizada pelos padrões geracionais, compõe os seus membros. Por meio dela somos sucessores das histórias dos nossos ascendentes, carregando essa bagagem ao presente e ao futuro, permeando nossos vínculos intrapessoais e interpessoais, conectando-a com significações bem intensas. Na família, são definidas conexões interdependentes, de um todo constituído, que, a partir do comportamento de um membro, influenciam e são influenciados circularmente. Contudo, é possível dizer que a história de cada sujeito, a partir dos relacionamentos amorosos, pode ser descrita pela influência de sua bagagem familiar.

Este trabalho evidenciou o quanto família de origem pode influenciar o sujeito em sua escolha amorosa. As crenças e os valores culturais das gerações

anteriores vão influenciando, sem que se perceba, no decorrer da vida do sujeito, em decisões essenciais para o indivíduo, que são externadas em direção a manter os mesmos comportamentos das gerações anteriores.

Essa influência quando negativa pode comprometer o desenvolvimento de relacionamentos amorosos, de acordo com a intensidade desses registros negativos. Isso pode trazer sentimentos de desilusão, dificuldades na escolha do parceiro (a), na evolução da relação amorosa e até separação.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira, et al. **Importância dos vínculos familiares na primeira infância : estudo II**. Organização Comitê, 1. ed. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2016. Disponível em <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/WP_Vinculos%20Familiares.pdf>. Acesso em 20 fev 2020.

ALMEIDA, Yndyne Franciane Dilva de. **O Vínculo Afetivo e Suas Contribuições Para a Relação Professor-Aluno**. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SÉPesq, 2015. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3611/710/862.pdf>. Acesso em: 20 fev 2020.

ANTON, Iara L. Camaratta. **A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. 2 ed. ver. ampl., Porto Alegre: Artmed, 2012. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=FGASBwAAQBAJ&pg=PA82&dq=influencia da+familia+na+escolha+amorosa+na+perspectiva+sistematica&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjou4D1murkAhXBHrkGHcKRBYQ6AEIKTAA#v=onepage&q=influencia%20da%20familia%20na%20escolha%20amorosa%20na%20perspectiva%20sistematica&f=false](https://books.google.com.br/books?id=FGASBwAAQBAJ&pg=PA82&dq=influencia+da+familia+na+escolha+amorosa+na+perspectiva+sistematica&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjou4D1murkAhXBHrkGHcKRBYQ6AEIKTAA#v=onepage&q=influencia%20da%20familia%20na%20escolha%20amorosa%20na%20perspectiva%20sistematica&f=false)>. Acesso em: 30 set 2019.

BOECHAT, Ieda Tinoco; CABRAL, Hideliza Lacerda Tinoco Boechat; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **A Comunicação na Família Caracterizada Pela Pseudomutualidade e Pelo Duplo Vínculo**. Revista Transformar, 7 ed. 2015. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/42/39>>. Acesso em 20 fev 2020.

BOHN, Marcela et al. **Sofrimento Associado ao Relacionamento Conjugal: Olhar da Teoria do Esquema**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/rbtc.org.br/pdf/v14n2a06.pdf>>. Acesso em: 13 abr 2020.

BÚRIGO, Marina Vieira de Araujo. **Terapia de Casal: Uma visão Sistêmica.** Florianópolis, SC, 2010. Disponível em: <<http://institutofamiliare.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Marina-Vieira-de-Araujo-B%C3%BArigo-2010-TERAPIADE-CASAL-Uma-vis%C3%A3o-sist%C3%AAmica.pdf>>. Acesso em: 30 set 2019

CALIL, Vera Lúcia Lamanno. **Terapia Familiar e de Casal.** 10 ed. São Paulo, Summus, 2018.

CARDOSO, Elenir; GERONASSO, Martha Caroline Henning. **Influências na Escolha do Cônjuge: Um Estudo Exploratório em Universitários de Uma Cidade do Planalto Norte Catarinense.** Revista Psicologia em Foco, v. 10 n. 15, 2018. Disponível em: <[revistas.fw.uri.br › index.php › psicologiaemfoco ›](http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco)>. Acesso em: 29 out 2019.

CASTILHO, Vania Bastos Fonseca de. **História, Fundamentos e Novas Tendências da Terapia Familiar Sistêmica.** Centro de Estudo da família e casal-CEFAC, Salvador-BA, 2017. Disponível em: <<http://www.cefacbahia.org.br/wp-content/filesmf/artigovc08062017.pdf>>. Acesso em: 30 set 2019.

COLOSSI, Patrícia Manozzo; FALCKE, Denise. **Violência conjugal e família de origem: perfil discriminante de parceiros que cometem e não cometem infidelidade.** Psico, Escola de Ciências da Saúde, v. 49, n. 4, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/26272/pdf>>. Acesso em 13 abr 2020.

DIAS, Maria Olívia. **Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica o processo de comunicação no sistema familiar.** Gestão e Desenvolvimento, 19 2011. Disponível em: <http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/gestaodesenv/gd19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf>. Acesso em: 08 nov 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Lauren Beltrão, et. al. **As Origens do Pensamento Sistêmico: Das Partes para o Todo.** Pensando Famílias, 18(2), 2014. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>>. Acesso em 08 nov 2019.

MACEDO, Alessandra Alves. **Escolhendo escolher: motivos e expectativas com relação ao casamento.** Temas em Educ. e Saúde, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <<file:///H:/PSICOLOGIA/8%C2%B0%20PER%C3%8DODO/TCC%20I/TCC/TCC%2V/ARTIGOS/artigos%20vis%C3%A3o%20sistemica/1015929579-3-PB.pdf>>. Acesso em: 30 set 2019.

MARASCA, Aline R.; COLOSSI, Patrícia. M.; FALCKE, Denise. **Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática de 2006 a 2011.** Temas em Psicologia, v. 21, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n1/v21n1a16.pdf>>. Acesso em 13 abr 2020.

MCGOLDRICK, Mônica; Cater, Betty. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2 ed., Porto Alegre: Artmed, reimp. 2011.

PINHEIRO, Igor. R.; CREPALDI, Maria A.; Cruz, Roberto. M. **Entendeu ou quer que eu desenhe? Transições familiares através da visão sistêmica.** Fractal: Revista Psicologia, v. 24, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000100012>>. Acesso em 13 abr 2020.

QUISSINI, Cintia; COELHO, Leda Rúbia Maurina. **A Influência das Famílias de Origem nas Relações Conjugais.** Pensando Famílias, vol. 18 no. 2, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a04.pdf>>. Acesso em 29 out 2019.

RABY, K. L et al. **Os Antecedentes Interpessoais da Parentalidade de Apoio: Um Estudo Prospectivo e Longitudinal da Infância à Idade Adulta.** Dev. Psychol, v. 51, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4280330/>>. Acesso em 13 abr 2020.

SILVA Isabela Machado da et al. **Em busca da “Cara-Metade”: Motivações para a Escolha do Cônjuge.** Estudos de Psicologia, v. 27, n. 3, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/10.pdf>>. Acesso em: 05 mar 2020.

SILVA, Júnia Denise Alves. **Transgeracionalidade e os Modos Familiares de Transmitir significados do Casamento entre as Gerações.** Uberaba – MG, 2018. Disponível em: <<http://bdtd.uftm.edu.br/bitstream/tede/818/5/Dissert%20J%C3%Bani%20D%20A%20Silva.pdf>>. Acesso em: 30 set 2019.

ZARTH, Denise; HAACK, Karla Rafaela; RAZERA, Josiane. **A Influência da Família do Homem na Escolha do Cônjuge e no Processo de Separação.** Revista de Psicologia, v. 9, n. 2, Fortaleza, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6608>>. Acesso em 30 set 2019.